Paulo Pires do Vale, 2018

ANA VIEIRA: SAIR

> *"Nunca dançarás bem se não destruíres toda*
> *a tua dança ao dançar,*
> *ao mesmo tempo que danças."*
>
> *Valère Novarina*

1.

Ana Vieira foi, ao longo dos anos, dando passos em direcção ao branco. Uma obra em progressivo apagamento, em desaparição. Ou melhor, permitindo a aparição da desaparição. Ana Vieira construiu, pacientemente, uma frágil moldura para a ausência. Dá-nos a ver ou sentir lugares esvaziados, de algo que se retirou e deixou a sua marca nessa fuga. Como presenças em menos. Uma presença como recusa de presença.

A artista introduziu o vazio no mundo, esculpindo-o. Misturou a ausência entre as coisas. Introduziu nele uma falha. Uma ausência saturada. Nesta exposição, esse movimento de esvaziamento branco fica claro.

2.

As obras de Ana Vieira parecem estar em retirada de si mesmas. São dádivas no modo de perda. Em abandono, em fuga, em exílio. À artista não interessa tanto o Vazio ou o Nada - com a sua absolutidade mística - quanto o sentimento de que algo se perdeu.

Na última obra que realizou, A Arte da Fuga, um quarto quer deixar de o ser. Como escreveu Ana Vieira: "móveis a fugirem do seu desígnio, "móveis a assumirem a sua inutilidade" - que é também uma reflexão profunda quer sobre a própria obra de arte, quer sobre o período de crise política-económico-social que se vivia. Neste quarto sente-se uma inquietação. Os móveis são como fantasmas que fogem, desaparecem afundando-se no chão ou entrando pelas paredes.

Uma estranheza introduzida no mundo habitual.
O palco de um drama ou relato de uma situação de crise.
Um desequilíbrio. Estamos
num lugar fora do lugar, mal situado,
em saída de si mesmo.

3.

Destas obras de Ana Vieira podemos dizer
que são consequência de uma poética da
perda.
O negativo está a trabalhar dentro das
próprias obras. É a falha como motor.
Delas podemos dizer que falta algo - e
assim introduzem, no real, um mal-estar. A
estranheza infectando o mundo - porque
ele é o que é, o que falta só nós o introduzimos.
A encenação do vazio é o trabalho
da artista.

> **"Neste**
> **momento**
> **interessa-me**
> **mais o que**
> **não é dito**
> **e o que não**
> **é visto ..."**
>
> **Ana Vieira, 2009**

Diante da obra esvaziada, sentimos o nosso
próprio vazio, o que em nós é ausência
também. Como escreveu o dramaturgo
francês Valère Novarina: "somos carne em
roda de um buraco, rodeando-o, e que o
buraco não está à nossa frente (como um
túmulo, por exemplo, onde seria preciso
cair um dia para pôr um fim), mas em nós,
mas dentro, e que não somos os que têm
o nada como futuro - é essa a sorte dos
animais - mas os que levam o seu nada
no interior. Não aqueles a quem o nada
está prometido (como um futuro que nos
espera), mas aqueles para quem ele foi
dado, desde já, como qualquer coisa que
está no interior das nossas palavras. Aqui.
De todos os animais somos os únicos que
têm esse buraco para carregar". Transportamos
o negativo e introduzimo-lo no
mundo. Como o actor, actuamos na borda
desse buraco que transportamos.

4.

Dar a ver o não-ver. Esse é outro impulso
do trabalho de Ana Vieira. Para isso, a artista
levanta obstáculos, esconde, impede o
acesso e a visão clara - e faz cair aqueles
véus que transportamos em forma de pré-conceito
optimista e ilusório da visão-total:
acreditamos, sem pensar, que vemos facilmente.
De que basta abrir os olhos para
ver. A obra de Ana Vieira ergue, assim, um
muro contra a iconocracia contemporânea.
E por isso aproxima-se, passo a passo, da
"in-visibilidade", da exigência de um esforço
e utilização de mediadores e dispositivos
de optimização da visão: por exemplo, a
lupa. Parece indicar-nos: ver é muito difícil.
E os espelhos que usa em algumas obras,
ou os obstáculos que nos levanta, as interdições
e a exigência de mobilidade e desvios,
são permanentes reveladores da dificuldade
de ver. Do esforço necessário para aprender
a ver. E de uma lição que, com as obras da
artista, podemos aprender: não vemos apenas
com os olhos, mas com o corpo todo.
Isso fica claro em Corredor: um espaço de
vazio moldado, arquitectado, para atravessar.
Um caminho iniciático. Uma entrada, uma
passagem, uma saída. Sem se ver, logo, o
fim. Nele toma-se consciência do corpo em
relação com o espaço mutante, e fica clara a
importância do corpo em toda a obra desta
artista, que nos obriga tantas vezes a rodear,
a circular, a deambular em redor das suas
obras, sem podermos entrar. Só com o corpo
todo vemos o mundo.

5.

Recordo-me, agora, para me calar, das
sábias palavras da Ana: "Neste momento,
interessa-me mais o que não é dito e o que
não é visto". Entremos devagar nesta noite
branca.

Texto escrito para a exposição "Ana Vieira", Centro de Artes Visuais, 2018